

Saberes africanos em circulação: Notas de uma pesquisa sobre a Circulação de Pessoas, Bens Simbólicos e Ideias na Produção Contemporânea de Saberes sobre a África

Antônio Evaldo Almeida Barros

Doutor em Estudos Africanos

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: antonioevaldoab@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0657826399373769>

Wheriston Silva Neris

Doutor em Sociologia

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: wheriston.neris@ufma.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0108605127365257>

RESUMO

O presente texto, elaborado no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo entre Brasil e Alemanha (Barros, 2020), explora perspectivas teóricas e desafios metodológicos envolvidos no estudo da produção de conhecimento sobre a África nas áreas de Literatura e Ciências Sociais, enfatizando os condicionantes internacionais que regulam a circulação de indivíduos, ideias e bens simbólicos. Partindo da pergunta sobre como as trajetórias internacionais de estudantes, escritores e pesquisadores africanos moldam dinâmicas contemporâneas de produção de saberes sobre a África, o artigo articula a circulação de pessoas, obras e modelos epistemológicos em um quadro marcado por assimetrias linguísticas, políticas e institucionais. O texto propõe um registro descritivo e reflexivo, que se desdobra em três eixos considerados interdependentes: em um primeiro momento, explora os desafios teóricos inerentes à construção do objeto quando se consideram hierarquias epistêmicas e assimetrias históricas na moldagem dos estudos africanos (Falola, 2007; Hountondji, 2010; Zeleza, 2016, 2020; Yanka, 2016). Em seguida, retoma a contribuição bourdieusiana (2002) para o estudo da circulação internacional de bens culturais, articulando-a à pesquisa de Claire Ducournau (2017) sobre a fabricação da consagração literária francófona africana e às dinâmicas geracionais examinadas por Abdoulaye Gueye (2001; 2006). Posteriormente, discute as reconfigurações das mobilidades estudantis africanas, destacando o caso dos estudantes no ex-bloco soviético, com base nas pesquisas coordenadas por Monique de Saint Martin, Grazia Scarfò Ghellab e Kamal Mellakh (2015), evidenciando tanto a diversidade das experiências quanto os efeitos variáveis da formação no Leste europeu. Ao final, argumenta que a análise das mobilidades e circulações observadas nessas pesquisas empíricas, sejam elas literárias, científicas ou estudantis, constitui via privilegiada para apreender a reconfiguração do imaginário, das sensibilidades e dos modos de produção dos saberes sobre a África em múltiplas escalas, delineando um programa de investigação centrado nas trajetórias afro-diaspóricas como operadores-chave da produção global de conhecimento.

Palavras-chave: África. Produção de Conhecimento. Ciências Sociais. Diáspora.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto é explorar algumas das perspectivas teóricas e dos desafios metodológicos enfrentados pelos pesquisadores no bojo de uma pesquisa voltada para a questão da produção

de conhecimentos sobre África, Literatura e Ciências Sociais contemporaneamente. Inscrito em um projeto de pesquisa mais amplo que visava refletir sobre as esferas de produção de conhecimento sobre e para a África, costurado em uma parceria entre universidades do Brasil e da Alemanha¹ (Barros, 2020), neste texto retomamos a questão dos condicionantes internacionais de circulação de indivíduos, ideias e bens simbólicos no espaço internacional, tentando delinear os contornos de um fértil campo de estudos sobre as carreiras de estudantes, pesquisadores, intelectuais e literatos africanos a partir de meados do século XX.

Em seu ponto de partida, a questão orientadora da pesquisa era entender de que maneira as trajetórias internacionais de estudantes, escritores e pesquisadores africanos contribuíam para moldar padrões contemporâneos de produção de conhecimento sobre a África e sobre as diásporas africanas nos campos da literatura e das Ciências Sociais. Em nossa perspectiva, esse modo de formular a pergunta permitiria articular três níveis distintos e interdependentes de análise, combinando a circulação de indivíduos, obras e de modelos epistemológicos. Ou seja, essas modalidades de circulação internacional dinamizariam tanto os repertórios literários, quanto os esquemas de interpretação e produção de saberes sobre África, em quadro marcado por hierarquias linguísticas, epistemológicas e institucionais.

Para o presente texto, no entanto, pretendemos oferecer um registro mais descritivo e reflexivo dessa pesquisa em curso, esforçando-nos para construir utensílios úteis a pesquisadores e estudantes que desejam se aventurar no estudo de um campo tão amplo e desafiante quanto aquele que permeia as categorias e os usos do internacional, transnacional, da globalização e/ou mundialização (Sapiro, 2021); da África e das diásporas africanas (Sansone, 2002; Silvério et al., 2020; Gueye, 2006; Zeleza, 2020) e, finalmente, das formas específicas da internacionalidade no campo das Ciências Sociais (Gingras, 2002; Siméant, 2015). O foco aqui se concentra, pois, sobre as formas de articulação entre esses diferentes eixos de problemáticas.

Na perspectiva adota neste estudo, a exploração dos modos de circulação e das trajetórias dos indivíduos permite refletir de maneira bastante refinada sobre o tema da mediação cultural em condições assimétricas, aproximando as problemáticas concernentes à circulação de bens literários, de modelos epistemológicos e que, ao fim e ao cabo, remete à circulação de agentes para além das fronteiras geográficas e institucionais dentro quais tradicionalmente pensamos as formas de consagração e reconhecimento literário, intelectual e científico. Todos os esforços analíticos aqui empreendidos para explorar uma agenda de investigação derivam dessa tentativa de delinear um quadro analítico que permita circunscrever esse terreno de investigação, evidenciando tanto suas tensões quanto suas potencialidades, e indicando caminhos

¹ Resumidamente, o projeto supramencionado, *Produzindo conhecimento sobre e para a África na Alemanha e no Brasil* centrava foco principal sobre as carreiras de acadêmicos anglófonos e francófonos da África Ocidental e de acadêmicos africanos originários de países que têm o português como língua oficial. Ao fim e ao cabo, interessava ao projeto abordar as perspectivas e motivações de estudantes e acadêmicos africanos sobre seus destinos e intercâmbios prioritários e como isso teria contribuído para suas carreiras profissionais posteriores e a construção de sociedades africanas de conhecimento. Subsidiariamente, o interesse se concentrava ainda sobre os profissionais que tiveram passagem pelo Brasil, englobando quer aqueles que retornaram, quer aqueles que optaram por permanecer em território nacional (Barros, 2020).

para pesquisas futuras que tratem das mobilidades intelectuais africanas como operadores centrais na produção global de conhecimento.

Objetivamente, o texto encontra-se estruturado em três eixos de discussão considerados interdependentes. No primeiro, levantamos alguns dos desafios teóricos implicados no estudo da produção de conhecimentos de/em África, da literatura e das ciências sociais quando pensadas do peso das estruturas de dominação sobre as representações científicas, literárias e artísticas. Na sequência, retomamos essa questão dos condicionantes da circulação internacional de bens simbólicos na perspectiva seminal de Pierre Bourdieu (Sapiro; Pacoutet, 2015) explorando uma pesquisa sobre os processos de fabricação da consagração literária de escritores e obras da África subsaariana na área linguística francesa (Ducournau, 2017). Na terceira parte, apresentamos algumas sugestivas proposições oriundas da pesquisa coordenada por Monique de Saint Martin, Grazia Scarfò Ghellab e Kamal Mellakh (2015) sobre a experiência de diplomados africanos na URSS e nos países do bloco soviético a partir da segunda metade do século XX. Por fim, retiramos algumas consequências importantes sobre o campo de estudos e que tem orientado o trabalho mais detalhado sobre as trajetórias afro-diaspóricas de intelectuais africanos expatriados e que se notabilizaram internacionalmente pelos seus investimentos inseparavelmente científicos, literários e políticos (para um estudo inspirador, consultar: Ducournau, 2013; Zeleza, 2013).

2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E ALGUNS DESAFIOS TEÓRICOS

Com efeito, a escolha pela análise de experiências e trajetórias de indivíduos procedentes de países africanos, no contexto em pauta, não foi fortuita. Além das pesquisas que temos realizado sobre grupos dirigentes e circulação internacional (Neris, Seidl, 2015a; Neris, Seidl, 2015b; Neris, Seidl, 2015b; Neris, 2023) ou sobre Nação, memória e políticas culturais em África (Barros, 2020; 2021), o histórico contexto concomitante da Guerra Fria e do processo de descolonização afro asiática – grosso modo, correspondente à segunda metade do século XX (Hobsbawn, 2015) - oferece território particularmente interessante para esse estudo, por diversos motivos.

A começar pela própria alteração nos padrões de migrações internacionais, anteriormente dominados pelos movimentos populacionais de países colonizados em direção aos países colonizadores (Sul/Norte) e a explosão da universalização do ensino superior em África, sobretudo a partir de 1945, com dinâmicas e trajetórias variáveis conforme o país (Zeleza, 2016). Ao longo da segunda metade do século XX, como bem demonstra Paul Tiyambe Zeleza (2020), a migração populacional africana cresceu em percentual maior do que qualquer outra região do planeta, tendendo, inclusive, a uma diversificação dos destinos com aumento gradual e consistente de deslocamentos no eixo Sul/Sul. Aliás, essa alteração de padrões tem algo a dizer, inclusive, sobre as vias de institucionalização do ensino superior em África e sobre a formação dos seus grupos dirigentes (Niane, 1992; Garcia Jr., 2004).

Igualmente importante foi a notável expansão dos centros, institutos e programas de estudos africanos por meio da moldagem de uma arquitetura institucional, de pesquisa e de publicações (institutos, centros, revistas, periódicos) que produziu uma grande quantidade de trabalhos (impossíveis de ser inventariados), os quais não deixam ser atravessados pelas hierarquias e assimetrias características da produção de conhecimentos na divisão internacional do espaço intelectual (Zezeza, 2020). No Brasil, por exemplo, esse interesse remonta pelo menos à década de 1950, com a criação do Centro de Estudos Africanos e Orientais (CEAO), na Universidade Federal da Bahia, do Centro de Estudos Africanos (CEA) na Universidade de São Paulo, posteriormente, o que contribuiu para a ampliação e consolidação contemporânea desse campo de estudos no espaço acadêmico nacional (Sansone, 2002; Zamparoni, 2007). Tão complexo, contraditório, processual e/ou interdisciplinar quanto possa ter sido a moldagem dos estudos africanos, o fato é que estes se estruturaram simultaneamente em nível nacional e transnacional, local e global (Zezeza, 2006), ao mesmo tempo em que assumem significados distintos na África e no Ocidente (Hountondji, 2010).

Estamos, no entanto, apenas na ponta do iceberg de um debate atual, relevante e decisivo para a própria produção de conhecimento em África, com uma série de implicações e desafios epistemológicos. Com efeito, é importante considerar que a produção de conhecimento sobre a África no próprio continente é perpassada por uma estrutura de poder que molda os circuitos de produção intelectual, validação, circulação e consumo entre línguas e contextos nacionais que ocupam posições desiguais (Falola, 2007; Hountondji, 2010; Yanka, 2016).

Não é à toa que Paul Zezeza critica, por exemplo, a forma como nas fábricas acadêmicas da América do Norte e da Europa Ocidental os Estudos Africanos “têm sido historicamente aprisionados por línguas, epistemologias e discursos que são externos a África, reduzindo este continente a não mais do que um laboratório para testar os modelos, teorias e paradigmas pretensamente universais” (Zezeza, 2007). Paulin J. Hountondji questiona, por seu turno, se aquilo a que chamamos de estudos africanos – que engloba um quadro diverso de disciplinas das Ciências Sociais (História, antropologia, sociologia, economia, ciência política) – pode legitimamente ser chamado de africano, sobretudo quando não “proveniente de África ou produzido por africanos” (Hountondji, 2010). Se, para Hountondji, o campo institucional de produção de conhecimentos em África não conseguiu formular problemáticas originais, isto é, “conjuntos originais de problemas estribados numa sólida apropriação do legado intelectual internacional e profundamente enraizados na experiência africana” (Hountondji, 2010, p. 128), isto não significa necessariamente que deveria haver um rompimento com a tradição do conhecimento ocidental. Em perspectiva que nos parece semelhante à do ganense Kwame Anthony Appiah (1997), que estudou as formações de filósofos africanos na tradição ocidental, compreende-se aqui que a construção de um conhecimento africano deve trilhar uma via essencialmente comparativa e crítica, não podendo prescindir inteiramente da própria formação

filosófica ocidental.

Se esses condicionantes das transferências transculturais recaem com força no domínio das ciências sociais e humanas, se impõem com ainda maior evidência no universo da produção literária, fortemente ligado à língua e à construção cultural de identidades nacionais, repercutindo, inclusive, sobre subcampos de estudos como o da literatura comparada ou dos estudos comparatistas (Fazzini, 2023). Nesse sentido, é correta a afirmação de Luca Fazzini (2023) de que, quando se pensa no lugar na África na *Literatura-mundo*, constata-se a hegemonia/predomínio de um corpus restrito de obras, autores e gêneros (notadamente o romance), pertencentes, sobretudo, ao universo linguístico inglês e francês (a língua portuguesa ocupando uma posição claramente marginal) e que obtendo projeção global e reconhecimento nos circuitos acadêmicos e editoriais euro-estadunidenses, colocam-se no topo da hierarquia de objetos científico-literários legítimos.

O problema se torna ainda mais complexo, aliás, quando se concebe que a própria definição da(s) literatura(s) africana(s) permeia/engloba textualidades completamente marginalizadas em relação às áreas linguísticas transnacionais (inglês, francês, espanhol, alemão, português, árabe), conformando, na prática, circuitos de produção e circulação distintos e cindidos (Gnocchi, 2004). Ora excluída, ora confinada, fragilizada e/ou dominada, as literaturas africanas tendem a depender então fortemente do reconhecimento de instâncias e mediadores internacionais (com o que se convertem em um produto de exportação), excluindo, conseqüentemente, um universo amplo de línguas, autores e formas de conhecimento populares, orais, por vezes anônimos, produzidos por africanos e que geralmente não entram na ordem do conhecimento (Mudimbe, 2013) e no cânone e no mercado literário internacional (a este respeito, ver: Fyfe; Krishnan, 2022, Hodapp; 2020)

Embora com especificidades, a produção de conhecimento sobre África, sobre literatura e ciências sociais apresenta similaridades quando tomadas a partir dos condicionantes dessas trocas culturais transnacionais assimétricas. Aliás, é sempre útil recordar que os esquemas de percepção e de interpretação das realidades coloniais e pós-coloniais sempre se alimentaram e foram alimentadas por empreendimentos de dominação que perpassam as representações científicas, literárias e artísticas (Ducournau, 2010; Sapiro et al., 2015).

3 A CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE BENS CULTURAIS: CALIBRANDO A CONSTRUÇÃO DE NÍVEIS DE ANÁLISE

Conforme destacamos em um texto anterior sobre a tradução de obras literárias, as contribuições de Pierre Bourdieu (2002) e de uma série de autores inspirados em sua perspectiva teórica são fundamentais para o projeto de uma pesquisa global nas Ciências Sociais (Siméant, 2015). Em um pequeno texto intitulado “*As condições sociais de circulação internacional das ideias*”, pronunciado na ocasião de uma conferência

na Universidade de Freiburg, em 1989, Pierre Bourdieu se questionava então se haveria uma vida intelectual espontaneamente internacional, ao examinar a circulação de obras intelectuais e os exemplos de importação e exportação entre França e Alemanha. Para Bourdieu, além de a vida intelectual ser “o lugar de nacionalismos e imperialismos, ideias pré-concebidas, representações sumárias muito elementares”, etc., na prática, “as trocas internacionais são submetidas a um determinado número de fatores estruturais que são geradores de mal-entendidos colossais” (Bourdieu, 2002, p. 6). Compreender alguns dos mecanismos sociais que operam nesse processo e que representariam um obstáculo para o desenvolvimento de “um programa europeu de pesquisa científica a respeito das relações científicas europeias” (Bourdieu, 2002, p. 5) constituiu o objetivo dessa comunicação, cujos elementos principais podem ser sintetizados abaixo (Neris, Neris, 2016):

- Para Pierre Bourdieu, o fato de os textos não circularem com seu contexto, ou seja, de não importarem consigo o campo de produção com e contra os quais foram produzidos, faz com que, ao serem introduzidos em um campo de produção diferente, eles sejam submetidos a uma reinterpretação em função da estrutura do campo de recepção. Como o sentido e a função de uma obra em seu campo de origem são recorrentemente ignorados, o significado adquirido por este ou aquele trabalho é determinado em grande medida pelo campo de chegada;
- Essa ressignificação é operada por uma série de mecanismos sociais, tais como: operações de seleção (o que se traduz? o que se publica? quem traduz? quem publica?); operações de marcação e etiquetagem realizadas por editoras, autores, disciplinas, etc.; e as operações de leitura, por meio das quais aplicam-se às obras categorias de apreciação e problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente.
- Por meio da reconstituição do campo de chegada pode-se compreender melhor os efeitos dos jogos a que são submetidos os autores e obras traduzidos. Estes envolvem desde o reforço de posições dominantes até formas de fortalecimento de posições dominadas, sempre comportando uma variedade de combinações. É através da reconstituição dessas posições, por exemplo, que se torna possível apreender as afinidades ligadas à identidade (ou homologia) que favorecem a tradução de autores com os quais se guarda convergência de interesses, estilos, partidos e projetos intelectuais. “Pensadores de grande elasticidade são, nesse sentido, prato cheio para esses usos estratégicos”, enfatizava Pierre Bourdieu (2002, p. 9). Da mesma forma, a caracterização de contextos intelectuais e sociais distintos permite compreender como se constituem, por vezes, “oposições fictícias entre coisas semelhantes e falsas semelhanças entre coisas diferentes” (Bourdieu, 2002, p. 10).
- Além disso, essa seleção vem acompanhada de formas de anexação e marcação por meio das quais são consagradas determinadas leituras e interpretações dos textos, ressaltam-se questões e problemáticas específicas, por vezes residuais para o autor, ao mesmo tempo em que se consagra a

autoridade interpretativa do tradutor, do comentador. Essa etiquetagem envolve, inclusive, a estrutura tipográfica da obra, as imagens de capa, a repartição do texto com suas ênfases, sucessões de prefácios, etc., por meio dos quais também se opera uma série de transformações, ou até mesmo de deformações da mensagem original.

Trata-se aqui, sem dúvida, de um dos poucos textos em que Pierre Bourdieu aborda mais diretamente um objeto que se liga aos espaços de poder internacional. Nenhuma dúvida, aliás, quanto ao fato de que a própria utilização da noção de campo para abordar objetos transnacionais e internacionais venha motivando debates sobre as condições de importação, apropriação e redefinição do conceito (Sapiro, 2019). Esta foi, inclusive, uma das questões teóricas principais enfrentadas por diversos autores que compuseram a obra *Les champs littéraires africains* (2001) - reunião de textos organizada por Romuald Fonkoua e Pierre Halen, com a colaboração de Katharina Städtler. Além do arcabouço teórico e das condições de apropriação teórica, os pesquisadores também devem estar cientes quanto à própria variedade de noções e as implicações que as noções de circulação, transferências, trocas, redes, conexões, mestiçagem, hibridizações, etc., carregam para o próprio objeto de estudos. Além de não parecer apropriado considerá-las como meros sinônimos, convém precisar a definição dos termos, seus usos e limites (Sapiro, 2021), incluindo aqui a própria compreensão sobre o registro metafórico escolhido (Lahire, 2006).

Embora com ressalvas, a problemática da circulação de bens culturais internacionalmente levanta uma série de níveis e questões de análise que merecem ser destacadas (Sapiro; Pacouret, 2015). Sim, por que quando se trata de estudar dinâmicas internacionais ou transnacionais, torna-se clara a necessidade de definir a unidade de observação que geralmente se baseia sobre entidades socialmente reconhecidas e identificáveis - culturas, sociedades, comunidades, nações, estados, regimes (Sapiro, 2012).

Igualmente importante, conforme Sapiro e Pacouret (2015) é a escolha dos níveis de análise: no nível *macro* deve-se atentar para as assimetrias de estrutura nas relações internacionais conforme a posição nas relações de força geopolíticas, econômicas e culturais entre países (centrais, semiperiféricos, periféricos); no nível *meso* cumpre reinscrever a análise na estrutura dos mercados nacionais e dos campos de produção cultural de origem e acolhida (editorial, artístico, musical, cinematográfico, literário, entre outros) e no nível *micro* desperta interesse justamente as estratégias e motivações individuais ou institucionais de produção, uso e apropriação e mediação dos bens culturais importados. Importa ressaltar, aliás, que “o esquema centro-periferia” constitui um potente utensílio para descrever os fenômenos de assimetria nas trocas linguísticas em pauta (Casanova, 2002)

Uma vez selecionada a categoria particular de bem cultural - no caso, a literatura ou a produção científica das ciências sociais - definido o corpus (autor, escola e/ou gênero), cumpre identificar as formas de materialização, os modos de produção das publicações e o capital simbólico ligado ao prestígio quer dos

autores, quer dos mediadores ou importadores. Um passo decisivo consiste, pois, em circunscrever essa circulação entre espaços e culturas segundo o lugar de publicação de origem e o lugar de acolhida, podendo tal escolha recair tanto sobre unidades maiores como países, quanto sobre cidades e contextos mais particulares (Sapiro; Pacouret, 2015). A utilização de catálogos internacionais, como também de editores nacionais, compêndios, antologias e bases de dados bibliográficos podem ser particularmente úteis ao intento de cartografar essa circulação. Não menos importante é a própria definição da área linguística (nacionalidade, origem geográfica) que também produz efeitos nada desprezíveis sobre as condições de circulação das obras².

A distribuição desigual desse capital ordena o campo linguístico literário segundo uma oposição entre as línguas literárias dominadas de uma parte—línguas recentemente “nacionalizadas” (ou seja, tornadas línguas nacionais de maneira relativamente tardia), dotadas de pouco capital literário, de pouco reconhecimento internacional, de um pequeno número de tradutores (nacionais e internacionais) ou mal conhecidos e permanecendo longamente invisíveis nos grandes centros literários (como o Chinês e o Japonês) – e de outro lado as línguas dominantes, que, devido ao seu prestígio específico, à sua antiguidade, ao número de textos declarados universais escritos em suas línguas são dotadas de um volume importante de capital literário (Casanova, 2002, p. 9, tradução nossa).

Alguns estudos importantes podem ser mencionados como exemplos salutareos da utilização dessas perspectivas teóricas, sobretudo trabalhos que atentam sobre a circulação material de bens simbólicos, com particular atenção às relações centro-periferia entre França e países do continente africano. O recorte escolhido também é oportuno, visto que a tendência internacional de valorização de escritores oriundos das periferias culturais no universo literário, editorial, em salões do livro, escolas /ou em universidades ganhou força principalmente após os anos 1980 (Sapiro, 2020).

Nesse sentido, cabe destacar principalmente o trabalho de Claire Ducournau que se interessou diretamente sobre os mecanismos materiais e simbólicos que garantiram o acesso e reconhecimento de autores ligados ao continente africano, cujas carreiras foram marcadas e moldadas pelas instituições da vida literária francesa (Ducournau, 2017). Na linha do programa de pesquisa proposto por Pierre Bourdieu, Ducournau empreende esforços para compreender a lógica do trabalho de escrita, de publicar e se ver reconhecido em uma cena literária, tendo em vista os constrangimentos estruturais que condicionam a produção e a recepção, as análises internas e externas das obras. Assim, por meio de uma pesquisa prosopográfica com 151 escritores da parte francófona da África Subsaariana que haviam obtido reconhecimento no contexto pós-independência, ela conseguiu demonstrar como a criação de uma

² Além das questões teóricas, seria preciso acrescentar aqui também que o estudo de processos, instituições e atores que se movem na cena internacional também requer dos pesquisadores não apenas o domínio de competências sociais e linguísticas distintas, como também a própria disponibilidade de recursos para a realização dos trabalhos empíricos em condições custosas e por vezes adversas, o que constitui desafio não desprezível em uma área profissional e acadêmica como a nossa que recruta principalmente egressos das camadas populares e com menos chance de deter o capital econômico e linguístico requerido (a este respeito, ver: Siméant, 2015).

“literatura africana legítima” ou mesmo do emblema “clássico literário africano” foi fabricado na França a partir de duas ondas transnacionais: a primeira, na década de 1980, demarcada pelo ingresso de Leopold Sédar Senghor na Academia francesa e, depois, na década de 1990, que dependeram fortemente de alguns intermediários para que fosse reconhecida como propriamente literária. Além de grandes figuras intelectuais, como André Gide e Jean Paul Sartre, revistas literárias (as recomposições do mundo editorial, como um todo), contribuíram então para a moldagem de uma espécie de perfil legítimo escritor africano, com todas as implicações sobre como e por que alguns autores são publicados e outros não.

Em boa medida, o recorte desses processos converge com as dinâmicas geracionais da diáspora negra de intelectuais africanos na França estudadas abordadas por Abdoulaye Gueye (2001; 2006). Fortemente influenciadas pelos movimentos migratórios mais gerais e as dinâmicas políticas nos contextos africanos e francês, esses *Les Intellectuels africains en France* são compreendidos como pertencentes a gerações distintas na leitura de Gueye: a primeira geração, cujo ingresso teria ocorrido entre os anos 1950 e 1970 seria muito marcada pelas transições de regime político, pelo pioneirismo na realização dos estudos superiores em estruturas independentes da África e massivamente influenciadas pelo marxismo, quando não diretamente engajados na Federação dos Estudantes da África Negra na França (FEANF), criada na década de 1950. Socializados sob a colonização, esses indivíduos tenderam a construir suas identidades e engajamentos em torno de uma África autônoma, elaborando diferentes repertórios de justificação para retornar aos países recém-independentes, nos quais depositavam suas esperanças de participar na construção nacional (notadamente engajando-se em cargos políticos e/ou diplomáticos).

De maneira distinta com relação à geração precedente, as gerações subsequentes além de apresentarem menor inserção nas instâncias convencionais da política, atenuam seus discursos políticos na mesma proporção em que se investem noutros domínios (econômicos, culturais, científicos). Nascidas no pós-independência e progressivamente afastadas do continente africano, para o qual não dirigiam mais suas expectativas de retorno ou para a reconstrução da África, as novas gerações passaram a apresentar motivações mais direcionadas para objetivos concretos e claramente definidos como envio pontual de recursos ou de materiais para os países de origem (Gueye, 2001). É justamente entre esses estratos geracionais que chegam à fase adulta na década de 1980 que se encontram as primeiras produções literárias de parte dos literatos estudados por Ducournau (2017, p. 299), os quais, a despeito de sua maior distância concreta com relação ao território africano, mantém uma relação ambígua com uma África concebida como entidade, discursiva e referencial em suas “obras produzidas fora do continente”. Aliás, apesar das diferenças estruturais observadas, talvez essa experiência mais recente de estudantes africanos que acionaram estratégias de reprodução familiar distintas - como a constituição, por exemplo de famílias diaspóricas, que se dispersaram por diversos países e continentes e em variados domínios profissionais

constitua a manifestação da aquisição daquilo a que Angela Xavier de Brito chamou de *habitus de migrante*³ (Brito, 2010).

Com efeito, parte determinante das obras de literatura publicadas entre as décadas de 1960 e 2010 no recorte em pauta estão concentradas em um número restrito de países, com notória preponderância da França, seguida muito de longe por Camarões, Zaire/RDC, Senegal, etc. (Ducournau, 2017). Ao longo desse processo, aliás, houve notória alteração dos gêneros preponderante na escala de valores literários, passando progressivamente da poesia, até então dominante na literatura africana, para o romance, que se ajustaria melhor às lógicas do mercado e às expectativas (incluindo universitárias) com relação às produções literárias africanas na França. De maneira bastante semelhante, essa questão da importância da mediação externa aparece com força também em Wend Griswold (2000) que usou romances nigerianos para explorar o impacto dos sistemas de produção no conteúdo da obra literária. Por meio do seu trabalho, evidenciou-se, por exemplo, que os editores britânicos têm maior probabilidade de publicar romances nigerianos se os temas forem concernentes ao universo tradicional, campesino, rural, mesmo que parte significativa dos romancistas nigerianos escrevam livros que abordem problemas sociais urbanos.

4 MOBILIDADES ESTUDANTIS NO SUL GLOBAL: NOTAS DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES AFRICANOS NO EX-BLOCO SOVIÉTICO

Nesse tópico, conforme já assinalado, deslocamos o foco para um fértil campo de estudos que tem explorado a redefinição das formas de mobilidade acadêmica, fazendo aparecer, ao lado dos deslocamentos tradicionais Sul/Norte, uma série de outras migrações multipolares e até mesmo invisibilizadas de estudantes procedentes de países do continente africano (Leclerc-Olive et Hily 2016; Saint Martin et al., 2015). A tentativa de reter algumas lições da exploração de experiências e vivências de estudantes africanos que chegam ao ex-bloco soviético é o que motiva o projeto. Seleccionamos então a obra coordenada por Monique de Saint Martin, Grazia Scarfo-Ghellab et Kamal Mellah (2015), que levanta, em nossa perspectiva, questões importantes sobre as novas mobilidades entre países do Sul, particularmente os africanos⁴. Sob nossa perspectiva, a exploração das experiências sem precedentes enfrentadas por estudantes, militantes e estagiários que se instalaram em um contexto geográfico, político, cultural e linguístico tão distinto quando

³ “Essa última noção leva em conta alguns dos aspectos recobertos pelo conceito de *hábito*, tal como ele é sintetizado por J.C. Kaufmann (2001): o *habitus de migrante* é uma segunda natureza, que se constrói através da sucessão de experiências vividas durante os processos de mobilidade espacial, durante os quais as pessoas que se deslocam adquirem novos esquemas mentais e novas disposições morais e corporais. Ou ainda, uma inteligência implícita, situada entre reflexividade, memória e inconsciente, sepultada no mais íntimo dos seres, que se sedimenta nos indivíduos e serve, por sua vez, de instrumento de transmissão das aquisições culturais. Mas o *habitus de migrante* comporta, igualmente, aspectos descritos pelo conceito bourdieusiano de *habitus*, na medida em que, à força de se repetir, essas disposições adquirem uma certa estabilidade, se tornam mais ou menos socialmente estruturadas - e, por isso mesmo, estruturantes” (Brito, 2010, P. 433)

⁴ Embora tenham sido incrementadas a partir da década de 1960, com a criação de diversos estabelecimentos no Leste Europeu destinados a acolher estudantes africanos, convém ressaltar que os contatos destes com o mundo comunista eram mais antigos (Yengo; Saint Martin, 2017).

o da URSS permite sugerir, com bastante riqueza, uma agenda instigante de pesquisas sobre as expectativas, implicações e consequências biográficas das migrações internacionais de diplomados africanos que retornam ou se estabelecem fora do continente.

Em *Étudier à l'Est* (Saint Martin et al., 2015) os autores tentaram combinar três níveis de análise fundamentais. Em primeiro lugar, parte dos pesquisadores tenta delinear os quadros políticos, sociais e institucionais dentro dos quais foram operados os acordos de cooperação e as políticas governamentais de Estado a Estado. Nesse quadro, ressaltam-se dois grandes acontecimentos que marcam a aproximação soviética com os Estados africanos: em 1957, o Sexto Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes organizado no bloco socialista e que reuniu representantes de 131 países com 600 africanos participantes; além deste, destaca-se a fundação em Moscou da Universidade da Amizade dos Povos, que em 1961 foi renomeada como Universidade Patrice Lumumba, destinando-se prioritariamente para estudantes da Ásia, África e da América Latina (Yengo; Saint Martin, 2017). No segundo nível, o livro aborda as experiências, narrativas, esperanças e contradições vivenciadas pelos antigos estudantes africanos, notadamente os primeiros a se confrontarem com essa experiência. A última parte enfoca as experiências contrastadas do percurso migratório, mas, principalmente, com as condições e itinerários de retorno, demarcando os efeitos e rentabilidades variáveis da passagem por diversos mundos.

Vale destacar, ainda, as sugestivas estratégias metodológicas, baseadas na realização de entrevistas em profundidade e pelo recurso a um corpus de fontes bastante diversificadas, tais como arquivos da Federação Russa, Unesco, embaixadas de países africanos, bem como a testemunhos literários escritos pelos antigos estudantes africanos, a exemplo do romance do Guianês Jan Carew, intitulado *Moscou n'est pas ma Mecque* ou de *Tavarich Gay*, escrito por Souleyanta Ndiaye (Saint Martin et al., 2015). Por essa via, conseguiram os autores explorar diversas facetas da experiência soviética, a exemplo do peso da descoberta da alteridade, dos desafios de adaptação e aprendizado da língua, das esperanças e decepções, das vicissitudes cotidianas e acontecimentos indesejáveis, das relações de cumplicidade, amizade, mas também de vigilância e controle, etc. A diversidade das lembranças dos antigos estudantes africanos reenvia então para a própria complexidade das experiências e trajetória, combinando dinâmicas convergentes ao mesmo tempo em que singularidades.

Como sabido, enquanto que as migrações internacionais de estudantes se caracterizavam até os anos 1950 pela onipresença de correntes indo notadamente dos países colonizados em direção aos países colonizadores, a partir de meados da década de 1950 surgem novas mobilidades, como aquela de estudantes originários de países africanos e asiáticos, recentemente independentes, com destino aos países socialistas. Esse processo se liga sem sombra de dúvidas ao lugar cada vez mais central adquirido pelo internacional nos esquemas de legitimação dos grupos dirigentes no cenário global (para uma excelente reconstituição desse debate no Brasil, ver: Seild, 2013). Em se tratando particularmente do caso africano, esse incremento

das mobilidades estudantis internacionais se deu em direção ao norte (Gérard, 2008; Niane, 1992), como tradicionalmente já ocorria, porém com forte incremento no eixo sul-sul e dentro do próprio continente, conforme já vem sendo evidenciado em diversas pesquisas recentes (Geisser, 2000; Mazzella, 2009; Tati, 2014).

Convém enfatizar, além disso, que parte significativa dessas migrações se inscreve ainda no quadro de acordos de cooperação, dependendo fortemente de políticas governamentais e das estratégias dos novos estados africanos em um espaço internacional dividido em blocos. Concomitantemente ao movimento de descolonização afro-asiática houve a progressiva abertura, realizada pela União das Repúblicas Soviéticas (URSS) e de diferentes países socialistas, de instituições, programas e incentivos para colhida massiva e sistemática de estudantes magrebinos e subsaarianos (Saint Martin et al, 2015). As razões dessa abertura, porém, não decorrem simplesmente de uma política expansionista da URSS em relação ao terceiro mundo, como também da própria demanda de países africanas que não possuíam ainda universidades e tinham urgência na formação de novas elites (Gheorghiu, 2012).

O caso das ex-colônias de Portugal pode ser tomado como exemplo ilustrativo disto, visto que, com o fim do Salazarismo, em 1984, e a saída maciça de metropolitanos e seus descendentes, os dirigentes de movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau tiveram de “apelar para a oferta de competências intelectuais e políticas de nível internacional”, com o que se abriu uma série de postos para os exilados brasileiros (Garcia Júnior, 2004, p. 249). Ocupando postos de primeiro escalão em universidades públicas ou mesmo no sistema educacional de países como Angola e Moçambique, esses brasileiros participaram então do processo de diversificação das formas de cooperação internacional com efeitos ainda não plenamente compreendidos (Garcia Júnior, 2004). Seja como for, paralelamente ao retorno maciço de brasileiros no contexto de liberalização progressiva do espaço público brasileiro, deu-se o incremento das cooperações russas, búlgaras e alemãs da República Democrática da Alemanha (RDA) no espaço de língua portuguesa da África.

Assim, por meio da criação de Casas de Ciência e Cultura Soviéticas, de Centros Culturais Soviéticos a organização de bibliotecas repletas de publicações soviéticas em outras línguas ou mesmo pela exigência de incorporação do marxismo-leninismo nos sistemas de ensino dos países sustentados econômica e politicamente pela URSS consolidou-se ampla hegemonia soviética no espaço em pauta. Tudo isto que permite compreender com maior clareza como as mobilidades africanas em direção ao leste europeu passaram a ser incrementadas no continente estando, certamente, “entre as mais importantes mobilidades estudantis institucionalizadas na história do ensino superior e da formação de executivos” (Saint Martin et al, 2015; Katsakioris, 2015).

Os dados compulsados por Katsakioris (2007) corroboram essa centralidade adquirida pela União Soviética como principal destino (de 611 entre 1959-1960, o número de estudantes africanos só para mais

de quinze mil em 1980 e chega a cerca de 30 mil às vésperas da queda do muro de Berlim), seguida à distância pela Romênia e pela RDA. As estatísticas disponíveis a respeito desses fluxos estudantis são repletas de lacunas, no entanto, exigindo diversos cuidados dos pesquisadores. Ao pesquisar sobre os estudantes africanos na Romênia e na RDA, Mihaï Dinu Gheorghiu ressaltava o estado de desorganização dos arquivos, a dispersão geográfica dos atores e a comunicação difícil entre Europa e África como um poderoso desencorajador para a realização de estudos como o que está em pauta (Gheorghiu et al, 2015).

Em todo caso, as pesquisas compulsadas permitem delinear alguns dos traços marcantes desses estudantes africanos, majoritariamente homens, recrutados para estudos no leste europeu. Embora estes devessem ser selecionados entre os filhos de trabalhadores ou camponeses, conforme as orientações soviéticas, na prática, como constataram Katsakioris, Demintseva e Mazov (2015) a seleção pelo lado africano era realizada de forma arbitrária, sem atender exatamente ao critério da origem social modesta, com o que autorizava-se o ingresso de estudantes procedentes de setores sociais médios, das elites e até mesmo de rebentos das aristocracias de seus países de origem. Em algumas situações, como a de Minabe Diarra, do Partido comunista do Mali - que defendeu sua tese em 1972 no instituto de Etnografia e de Antropologia da Academia de Ciência da URSS – esses estudantes não contavam nem mesmo com formação secundária (Siim-Moskovitina, Dobronravin; 2015). A quase totalidade desses estudantes eram apoiados por bolsas de estudos, sejam aquelas fornecidas pelos seus estados de origem, seja por organizações políticas, sociais ou culturais soviéticas.

Embora se repartissem por diferentes áreas, compreendidas as letras, a filosofia, o cinema, a maior parte destes estudantes se concentraram na formação em engenharia, medicina, farmácia, agronomia, entre outros (Saint Martin et al, 2015). Geralmente as disciplinas do domínio das Ciências Sociais eram objeto de ensino facultativo nas universidades – isto quando não eram subsumidas ao ensino da filosofia marxista-leninista - havendo apenas uma pequena minoria de estrangeiros que se especializaram nessas disciplinas. Não estranha que poucos tenham sido os estudos concentrados sobre as trajetórias intelectuais e/ou políticas de elites das humanidades entre os trabalhos reunidos na obra (Kouvouama, Bowao; 2015). Seja como for, é precisamente no domínio das ciências sociais que se delineou de maneira mais clara a influência ideológica soviética, sedimentada em torno de uma base metodológica e teórica obrigatoriamente informada pela ideologia marxista-leninista. Anna Siim-Moskovitina e Nikolay Dobronravin (2015) mostram assim parte das exigências que se impunham sobre a produção de teses e resumos de tese sustentadas em Leningrado ou Moscou:

Nessas disciplinas a ideologia marxista-leninista era a base formal da metodologia. Todos os alunos eram obrigados a citar Lênin, Marx, Engels e os líderes soviéticos da época (de Khrushchev a Gorbachev) em seus escritos e discursos. Isso era ainda mais verdadeiro se eles estivessem se preparando para um doutorado em história ou antropologia. Quando os estudantes de doutorado africanos descreviam e analisavam suas próprias culturas e sociedades, todos os fenômenos descritos

eram interpretados dentro da estrutura do materialismo histórico. Eles tinham que criticar severamente as abordagens "burguesas e pró-capitalistas" do Ocidente nas ciências sociais, bem como a realidade das sociedades tradicionais (castas, casamentos arranjados, poligamia etc.) e seu modo de vida "antiquado" e "arcaico" que "atrasa" o desenvolvimento dos indivíduos.

Em se tratando dos Estudos Africanos, Anna Siim-Moskovitina e Nikolay Dobronravin (2015) também constata que estes eram pouco desenvolvidos até a década de 1960. Exemplo disso, o instituto de estudos africanos, fundado em 1959 e dependente da Academia de Ciências da Rússia iniciou suas primeiras publicações apenas em 1973, prolongando-se até 1990. Esse processo de institucionalização, diga-se de passagem, foi contemporâneo ao incremento de interesse na URSS pela literatura africana de expressão francesa, portuguesa e inglesa junto ao público soviético mais geral e o especializado (Nikiforova, 2000). Trata-se aqui de um processo de aproximação africano-soviética que desperta interesse não apenas com relação aos padrões e condicionantes da circulação estudantil, como abre uma agenda de pesquisas sobre o crescente número de festivais de arte e cinema, a criação de conferências de escritores africanos e asiáticos e a própria recepção de artistas e intelectuais africanos pela URSS (A este respeito, ver: Blum et al., 2021).

Cabe ressaltar, por fim, que as experiências de regresso são variadas e as próprias condições de uso do diploma como um trunfo dependiam fortemente das dinâmicas políticas de cada Estado Africano de origem. É necessário resguardar-se aqui contra a visão de que a taxa de rentabilidade das estadias no exterior gerava consequentemente condições dadas de ascensão social no retorno. Assim, por exemplo, enquanto que os títulos obtidos por estudantes originários de países que optaram pela via do socialismo (Benin, Congo, Mali, Angola, etc.) serviram de tíquetes para acesso rápido a funções públicas e destacadas, em países ainda fortemente vinculados às metrópoles coloniais, como o Marrocos ou Costa do Marfim, os diplomas adquiridos no bloco socialista eram frequentemente desclassificados e rotulados como medíocres frente à excelência dos estudos realizados no bloco capitalista. A exploração da diversidade de itinerários de retorno desses estudantes e os casos problemáticos de reconhecimento do diploma conquistado na URSS, exigindo uma série de reconversões ou de reorientações profissionais, revelam que o valor do diploma não tinha nada de mecânico e unívoco (Saint Martin et al, 2015). O exemplo da Bulgária e dos efeitos variáveis da mobilidade internacional no campo das ciências sociais e humanas pode ser tomado como particularmente sugestivo.

5 A CIRCULAÇÃO OBRAS, DIPLOMADOS E PROFESSORES AFRICANOS: ALGUMA CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Com justeza, ao término do texto, o leitor pode se perguntar: qual o ponto em comum nas considerações empíricas e teóricas realizadas até aqui sobre a produção de conhecimentos sobre África, Literatura e Ciências sociais. À primeira vista, pode não parecer grande coisa, mas a curiosidade científica aqui esboçada com relação aos condicionantes da produção de conhecimento, da circulação de bens culturais

e produções literárias de/em/para África levou-nos a ressaltar justamente as experiências de migração, viagem e deslocamento de indivíduos concretos que acabam por desempenhar um papel fundamental nas reconfigurações do imaginário e das sensibilidades com relação a ao continente. Válido para a cena literária africana (a este respeito, consultar: Mazauric; Sow, 2013), a importância dessas mobilidades é também decisiva quando se trata de pensar o próprio espaço acadêmico e a circulação de modelos, saberes e práticas de pesquisa (Niane, 2011) em uma estrutura do mercado de mundial de competências científicas cada vez mais complexo, diversificado e competitivo (Dia, Ngwe, 2018).

Obviamente, a seleção da mobilidade de estudantes ou professores se alinha ao próprio intento de refletir sobre os condicionantes epistemológicos da produção do conhecimento em África e por africanos (Hountondji, 2010), abrindo espaço também para refletir sobre a contribuição de pesquisadores procedentes do continente para a pesquisa em ciências humanas e sociais na África (Gueye, 2011). Mas essas reflexões são igualmente úteis quando se pensa, por exemplo, na tendência identificada por Paul Zeleza (2006) em departamentos de literatura euro-americana nos quais, sob os influxos das versões dominantes da teoria pós-colonial, ao mesmo tempo em que tem sido abertos nichos generosos nos programas de estudos multiculturais para escritores africanos, nota-se a tendência a canonizar uma produção literária baseada no Ocidente ou em temas nele ambientados, filtrados pelo foco estereotipado em subjetividades e textualidades transnacionais e migrantes. De fato, muito ainda resta por ser feito a fim de objetivar as relações de dominação que atravessam os esquemas de interpretação das realidades coloniais e pós-coloniais na literaturas, nas artes e nas ciências sociais (Sapiro; Ducournau, 2010),

Apesar da existência de peculiaridades/singularidades nos condicionantes da circulação de obras científicas e literárias (Sapiro, 2012), há muitas dimensões da circulação internacional e das experiências de diversos indivíduos que levantam problemas convergentes em diversos pontos. Em todo caso, o que se deseja enfatizar é que a exploração das migrações africanas, das diásporas africanas, que articulam dinâmicas antigas e inovadoras, formas arcaicas ou contemporâneas - seria necessário recordar com Zeleza (2020, p. 921) a existência de diferenças e similaridades entre as “diásporas oceânicas trans-indianas, as diásporas trans-mediterrânicas e as diásporas transatlânticas” - oferece oportunidades ímpares para apreender a reconfiguração do imaginário, das sensibilidades e, seguramente, dos modos de produção dos saberes assim como dos bens e obras da cultura. O que esboçamos aqui foram os delineamentos de construção de um objeto dinâmico, que continua(rá) a desafiar os pesquisadores.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwami Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARROS, Antonio Evaldo A. Nação, Memória e História na África do Sul através de John Dube. HISTÓRIA (SÃO PAULO), v. 40, p. 1-28, 2021.

BARROS, Antonio Evaldo A.. Mfundisi We-Africa: um itinerário educacional de enfrentamento do racismo e da desigualdade. EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, v. 41, p. 1-16, 2020.

_____. Produção de conhecimento sobre e para África na Alemanha e no Brasil. Projeto de Pesquisa, UFMA, mimeo, 2020.

BLUM, Françoise; CHOMENTOWSKI, Gabrielle; KATSAKIORIS, Constantin. Au cœur des réseaux africanosoviétiques : archives et trajectoire de l'écrivain-cinéaste sénégalais Ousmane Sembène. 2021. "Au cœur des réseaux africano-soviétiques : archives et trajectoire de l'écrivain-cinéaste sénégalais Ousmane Sembène". Sources. Materials & Fieldwork in African Studies no. 3: 99-135, 2021.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Enfoques. Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 01, p. 4-17, 2002

BRITO, Angela Xavier de. Habitus de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. Sociedade e Estado [online]. 2010, v. 25, n. 3 [Acessado 12 Fevereiro 2024], pp. 431-464.

CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de capital littéraire: la traduction comme échange inégal. Actes de la recherche en sciences sociales. n. 144, Paris, set. 2002, p. 7-20

DEMINTSEVA, Ekaterina; KRYLOVA, Natalia. Les amicales (zemliatchestva) africaines et la formation idéologique des étudiants africains en Union soviétique, 1960-1970. DE SAINT MARTIN, M., SCARFÒ GHELLAB, G. & MELLAKH, K. (DIR.) 2015 Étudier à l'Est. Expériences de diplômés africains, Préface de J.-P. Dozon, Paris, Karthala-FMSH.

DIA, Hamidou; NGWE Luc. Les circulations des enseignants et chercheurs africains. Controverses, pratiques et politiques », Revue d'anthropologie des connaissances, 2018/4 (Vol. 12, N°4), p. 539-551

DUCOURNAU, Claire. De l'intermédiaire colonial au mémorialiste postcolonial. Les fonctions du déplacement géographique dans les mémoires d'Amadou Hampâté Bâ. » Études littéraires africaines, numéro 36, 2013, p. 33-45.

_____. La fabrique des classiques africains. Écrivains d'Afrique subsaharienne francophone, CNRS Éditions, Paris, 2017, 442 p.

_____. Mélancolie postcoloniale ? La réception décalée du roman Monnè, outrages et défis, d'Ahmadou Kourouma (1990) », Actes de la recherche en sciences sociales, 2010/5 (n° 185), p. 82-95.

FALOLA, T. (2007) Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades

FYFE, Alexander; KRISHNAN, Madhu (Eds.). African Literatures as World Literatures. New York; London; Oxford; New Delhi; Sydney: Bloomsbury Academic, 2022.

GARCIA JR., Afrânio. Exilados brasileiros na África e a cooperação internacional », (in) Circulação internacional e formação intelectual de elites brasileiras, A. M. de Almeida et al. (ed.), Campinas, São Paulo, UNICAMP, 2004.

GEISSER, Vincent (dir.). Diplômés maghrébins d'ici et d'ailleurs : Trajectoires sociales et itinéraires migratoires, Paris, CNRS-Éditions, coll. « Études de l'Annuaire de l'Afrique du Nord », 12 décembre 2000, 332

GÉRARD (E.). Mobilités étudiantes Sud-Nord, trajectoire scolaire des Marocains en France et inscription professionnelle au Maroc, Paris, Publisud, 2008, 379 p.

GHEORGHIU Mihăi D. (dir.), La mobilité des élites: reconversions et circulation internationale, Bilans et réflexions sur les recherches comparatives Nord – Sud et Est – Ouest, Iași, Editura Universitatii «Alexandru Iona Cuza», 2012.

_____. Les “centres d'excellence” en sciences humaines et sociales et leur insertion dans les communautés scientifiques émergentes en Europe de l'Est, in Perspectives roumaines. Du postcommunisme à l'intégration européenne. Sous la direction de Catherine Durandin, avec la collaboration de Magda Carneci, Paris, L'Harmattan, 2004

GINGRAS, Yves. Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique. Actes de la recherche en sciences sociales, n° 164, 2002, p. 31-45.

GNOCCHI, Maria Chiara, “Les champs littéraires africains, textes réunis et rassemblés par Romuald Fonkoua et Pierre Halen”, Studi Francesi, 143 (XLVIII | II) | 2004, 414-416.

GRISWOLD, W. (2000). Bearing witness: Readers, writers, and the novel in Nigeria. Princeton, NJ: Princeton University Press.

GUEYE, Abdoulaye. Les Intellectuels africains en France, Paris, L'Harmattan, 2001

_____. De la diaspora noire : enseignements du contexte français”, Revue européenne des migrations internationales, vol. 22 - n°1 | 2006, 11-33.

_____. Quelques réflexions sur la contribution des chercheurs africains expatriés à la recherche en sciences humaines et sociales en Afrique. In M. Leclerc-Olive, G. Scarfo Ghellab, A.C. Wagner (Eds). Le monde universitaire face au marché. Circulations des savoirs et pratiques des acteurs. Paris : Karthala, 2011, 325-337.

HOBSBAWN. Èric. A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

HODAPP, James. Afropolitan Literatures as World Literatures. New York; London; Oxford; New Delhi; Sydney: Bloomsbury Academic, 2020

HOUNTONDJI, Paulin J. 2010. Conhecimento de África, conhecimento de africanos. In: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org.) Epistemologias do Sul. São Paulo, Cortez.

LAHIRE, Bernard. El espíritu sociológico - 1a ed. - Buenos Aires : Manantial, 2006.

LECLERC-OLIVE, Michèle; HILLY, Marie-Antoinette (dir.), *Former des élites : mobilités des étudiants d'Afrique au nord du Sahara dans les pays de l'ex-bloc socialiste*, Revue des migrations internationales, 2016 (REMI) 32, 2 : 7-14.

MARTIN, M., SCARFÒ GHELLAB, G. & MELLAKH, K. (DIR.) 2015 *Étudier à l'Est. Expériences de diplômés africains*, Préface de J.-P. Dozon, Paris, Karthala-FMSH. SAINT-MARTIN, M. Introduction. In: ALMEIDA, A. M. F.; BICALHO, L. C.; GARCIA, A.; BITTENCOURT, B. (org.). *Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 17-26.

MAZAURIC, Catherine; SOW, Alioune. *Littératures et migrations transafricaines. Études littéraires africaines*, numéro 36, 2013, p. 7-16.

MAZOV, Sergey. *Le travail idéologique auprès des étudiants africains dans les établissements d'enseignement supérieur soviétiques - 1re moitié des années 1960*. DE SAINT MARTIN, M., SCARFÒ GHELLAB, G. & MELLAKH, K. (DIR.) 2015 *Étudier à l'Est. Expériences de diplômés africains*, Préface de J.-P. Dozon, Paris, Karthala-FMSH.

Mazzella, S. (dir.). *La mondialisation étudiante : Le Maghreb entre Nord et Sud*, Paris, Karthala, 2009.

MUDIMBE, Valentin Yves. *A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013

NERIS, W. S.; NERIS, C. S. C., *AS CONDIÇÕES SOCIAIS DE TRADUÇÃO EM LITERATURA: notas de pesquisas recentes*. Afluente: Revista de Letras E Linguística, 1(1), 2016.

NERIS, W. S.; SEIDL, Ernesto . *Circulação internacional, politização e redefinições do papel religioso*. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, v. 15, p. 279-308, 2015.

_____. Ernesto . *Redes transnacionais católicas e os padres Fidei Donum no Maranhão (1960-1980)*. História Unisinos , v. 19, p. 138-151, 2015.

_____. *Uma Igreja distante de Roma: circulação internacional e gerações de missionários no Maranhão*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro) , v. 28, p. 129-149, 2015.

NERIS, W. S. *CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE RELIGIOSOS E MODALIDADES DE INTERVENÇÃO POLÍTICA: trajetórias missionárias e modalidades de mediação cultural entre África e Brasil*. Relatório de pesquisa. FAPEMA, São Luís, 2023, mimeo, 80 p.

NIANE, Boubacar. *Le transnational, signe d'excellence* . In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 95, décembre 1992. Savoir et pouvoir. pp. 13-25.

NIKIFOROVA, Irina. *Le roman africain de langue française en Russie*. In: Cahiers de l'Association internationale des études francaises, 2000, n°52. pp. 59-65.

SANSONE, L. *Africa has no special smell: Towards academic equality in African studies*. CODESRIA, Bulletin, n. 1, 2018, pp. 26-29.

SANSONE, L. *Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX*. Afro-Ásia, Salvador, n. 27, 2002.

SAPIRO Gisèle, STEINMETZ George, DUCOURNAU Claire. “La production des représentations coloniales et postcoloniales”. Actes de la recherche en sciences sociales, 2010/5 (n° 185), p. 4-11.

SAPIRO, Gisèle (dir.), Les Contradictions de la globalisation éditoriale, Paris, Nouveau monde, 2009

SAPIRO, Gisèle. Comparaison et échanges culturels : le cas des traductions », in Faire des sciences sociales, vol. 2, Comparer, Paris, EHESS, 2012, p. 193-221

_____. La circulation des sciences humaines et sociales en traduction : enjeux et obstacles à l’heure de la globalization. Traduire, 227 | 2012, 5-15.

_____. O CAMPO LITERÁRIO TRANSNACIONAL ENTRE O (INTER)- NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ | Volume 13 | Número 25 | p.20 - 43 | jul. - dez. 2021

SAPIRO, Gisèle; PACOURET, Jérôme. La circulation des biens culturels: entre marchés, Etats et champs. In: SIMÉANT, Johanna (dir.). Guide l’enquête globale en sciences sociales. Paris: CNRS, 2015. p. 69-94.

SEIDL, Ernesto. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: Ernesto Seidl; Igor G. Grill. (Org.). As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013, v. 1, p. 179-226.

SIIM-MOSKOVITINA, A. & DOBRONRAVIN, N. 2015 « Des élites africaines entre deux mondes. Impact de la formation en URSS ou du poids du milieu social d’origine ? DE SAINT MARTIN, M., SCARFÒ GHELLAB, G. & MELLAKH, K. (DIR.) 2015 Étudier à l’Est. Expériences de diplômés africains, Préface de J.-P. Dozon, Paris, Karthala-FMSH.

SILVÉRIO, Valter Roberto; HOFBAUER, A. ; FLOR, Cauê G. ; MATTIOLI, E. A. K. . Diáspora africana. São Carlos: Contemporânea - Revista da Sociologia da UFSCar, 2020

SIMÉANT, Johanna (dir.), Guide de l’enquête globale en sciences sociales, CNRS Éditions, Paris, 2015, 406 p.

TATI, Gabriel. Diversité des motivations de la formation et du retour d’étudiants africains de l’Université du Cap-Occidental. Cahiers de la recherche sur l’éducation et les savoirs, 13 | 2014, 73-96.

YENGO, atrice; SAINT MARTIN, Monique de. Quelles contributions des élites « rouges » au façonnement des États post-coloniaux ?”, Cahiers d’études africaines, 226 | 2017, 231-258.

ZAMPARONI, V. (2007). “A África e os estudos africanos no Brasil”. Ciência e Cultura. V. 59, n. 2, São Paulo, Apr./June, pp. 46-49.

ZELEZA, P. (2013). Engagements between African Diaspora Academics in the US and Canada African Institutions of Higher Education: Perspectives from North America and Africa. New York: Carnegie Corporation of New York.

_____. African Studies from a Global Perspective. Symposium for Human Rights and Leadership in Africa at London Metropolitan University, UK on 4 October 2007

_____. Contemporary African Migrations in a Global Context. African Issues, Vol. 30, No. 1, The African "Brain Drain" to the North: Pitfalls and

_____. Diásporas Africanas: Para uma História Global. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 903-925.

_____. The disciplinary, interdisciplinary and global dimensions of African studies, International Journal of African Renaissance Studies - Multi-, Inter- and Transdisciplinarity, 1:2, 2006, 195-220,